



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Brasil

Ribas Ferreira Paes, Adriana; Moura, Maria Lucia Seidl de; Ribas Junior de Castro, Rodolfo  
Responsividade materna: levantamento bibliográfico e discussão conceitual  
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 16, núm. 1, 2003, pp. 137-145  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18816114>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica  
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## Responsividade Materna: Levantamento Bibliográfico e Discussão

Adriana F. Paes Ribas<sup>1 2</sup>

Maria Lucia Seidl de Moura

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Rodolfo de Castro Ribas Junior

Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

### Resumo

O presente artigo tem dois objetivos principais: fornecer um panorama das pesquisas sobre responsividade materna e discutir criticamente este conceito. Foi realizada uma busca sistemática em uma base de dados bibliográficos internacionais (APA). Os registros de artigos publicados entre 1967 e 2001, que continham qualquer um dos cinco termos (e.g. *maternal responsiveness*) foram sistematicamente identificados, analisados e classificados. Ao todo foram identificados 231 registros de artigos. Foram ainda realizadas buscas em duas bases de dados nacionais, onde cinco trabalhos foram identificados. As pesquisas identificadas são analisadas considerando diferentes aspectos (Ex.: enfoque, fundamentação teórica, análise, áreas de investigação). As conclusões apontam, principalmente, para três questões: 1) a necessidade de considerar variáveis como suporte social e variações culturais; 2) possível integração do tema à abordagem sociocultural. Pesquisas brasileiras sobre o tema.

**Palavras-chave:** Responsividade materna; sensibilidade; interação mãe-bebê.

### Maternal Responsiveness: A Review of the Literature and a Conceptual Discussion

### Abstract

The present article had two main objectives: To supply an overview of the research on maternal responsiveness and to discuss critically the concept of maternal responsiveness. A systematic search on an international bibliography (APA) was conducted. Records of articles published between 1967 and 2001, that contained any of the five phrases (e.g. *maternal responsiveness*), were systematically identified and analyzed. A total of 231 records of articles were identified. Searches in two Brazilian databases were also conducted and five works were identified. The identified researches are analyzed taking into account different aspects (e.g. approaches, theoretical basis, level of analysis, methodological aspects). The conclusions point to three issues: 1) the necessity to account for variables such as social support and cultural variations; 2) the possible integration of this theme into the sociocultural approach. More Brazilian researches on maternal responsiveness.

**Keywords:** Maternal responsiveness; sensitivity; mother-infant interaction.

---

A relevância do conceito de responsividade para a Psicologia tem sido destacada, em especial nos estudos sobre desenvolvimento infantil, por diversos autores como Bornstein e Lamb (1992), Bornstein e Tamis-LeMonda (1997), Wakschlag e Hans (1999). O interesse pelo tema *responsividade materna* deriva, em parte, do fato de diversas teorias psicológicas incluírem em seus pressupostos ou for-

1989), constituindo-se como um dos eixos centrais da interação mãe-criança.

Este artigo tem como objetivo apresentar um panorama das pesquisas que focalizam a responsividade materna e discutir criticamente este conceito. As áreas de investigação e articulação teórica são a partir de dados de extensiva

necessidade da realização de pesquisas brasileiras sobre responsividade.

### Método

Foram realizadas buscas sistemáticas em importantes bases de dados bibliográficos nacionais e internacionais em Psicologia. Foi inicialmente realizada uma busca no *PsycInfo*, a base de dados *on-line* da *American Psychological Association* (APA). Foram consideradas cinco expressões: *maternal responsiveness*, *mother responsiveness*, *mother's responsiveness*, *mother sensitive response*, *maternal sensitive responsiveness*. Todos os registros de artigos publicados entre 1967 e 2001, que continham qualquer uma dessas expressões em qualquer um dos campos da base de dados (Ex.: título, *abstracts* ou palavras chave), foram identificados, armazenados e tratados. Foram ainda realizadas buscas em duas importantes bases de dados nacionais: o Prossiga do CNPq/SBPC/Academia Brasileira de Ciências e o Index Psi do Conselho Federal de Psicologia/PUC-Campinas.

Os registros de todos os artigos foram analisados e classificados, entre outros aspectos, considerando: população estudada, assunto, variáveis relacionadas, periódico onde foi publicado o artigo. A presente análise se restringiu, basicamente, aos registros (título, *abstracts*, palavras-chave) de artigos obtidos nas bases de dados. Apenas um restrito número de artigos identificados será tratado aqui a partir de seu exame na íntegra.

### Resultados e Discussão

#### Publicações sobre responsividade: Uma avaliação quantitativa

Foram identificados registros de 231 artigos no *PsycInfo* relacionados a responsividade materna. As buscas nas bases de dados nacionais identificaram inicialmente cinco registros de artigos, entretanto, uma análise mais deta-

Tabela 1

*Distribuição de Artigos sobre Responsividade em Periódicos com Maiores Percentagens de Publicações*

Periódicos
Physiology and Behavior
Child Development
Developmental Psychobiology
Hormones and Behavior
Developmental Psychology
Infant Behavior and Development
Outros
Total

Considerando os periódicos onde foram publicados os artigos sobre responsividade materna, pode-se afirmar que esse tema vem sendo estudado principalmente nos campos da psicologia do desenvolvimento e da psicobiologia. Uma análise das publicações sobre responsividade revelou, em concordância com o que foi observado anteriormente, dois grandes grupos de pesquisas: um grupo de pesquisas vem sendo conduzido envolvendo aspectos biológicos (Ex.: níveis hormonais, efeitos de drogas) da responsividade materna. Por exemplo, a caracterização da responsividade em espécies animais (Fleming, 1989) e a detecção de efeitos biológicos e de experiência (Fleming, 1989).

Do total de artigos identificados, 38% (88 artigos) foram publicados em revistas de psicologia com animais e focalizaram, principalmente, a responsividade materna com as seguintes variáveis: efeitos de hormônios, efeitos do contato ou da separação do filhote, lesões cerebrais, efeito de drogas. A Tabela 2 apresenta a distribuição das publicações envolvendo animais considerando as variáveis estudadas. O único artigo identificado nas bases de dados nacionais tratava do efeito da separação da mãe sobre a responsividade em hamsters (Fleming, 1989).

Tabela 2

*Distribuição de Artigos sobre Responsividade Envolvendo Animais, Considerando Aspectos Estudados*

Principais aspectos estudados	%
Níveis de hormônio	27,27
Efeitos do contato ou da separação mãe-filhote	26,14
Lesões cerebrais	9,09
Administração de drogas	9,09
Outros	28,41
Total	100

entre responsividade e status socioeconômico (SES), bem como contexto cultural (Bornstein & cols., 1992). Outros enfocam o poder preditor da responsividade em relação ao desenvolvimento cognitivo (Bornstein & Tamis-LeMonda, 1989) e emocional (Isabella, Belsky & Eye, 1989). Observou-se que os artigos focalizaram basicamente a relação entre a responsividade e as seguintes variáveis: desenvolvimento infantil (cognitivo, lingüístico e sócio-emocional), características da criança (Ex.: temperamento, obediência), características da mãe (Ex.: ansiedade, estresse, depressão, uso de drogas), apego e tipo de nascimento (Ex.: pré-termo, a termo). A Tabela 3 apresenta a distribuição de artigos envolvendo seres humanos considerando as principais variáveis estudadas.

Tabela 3

*Distribuição de Artigos sobre Responsividade Envolvendo Seres Humanos, Considerando Aspectos Estudados*

Principais aspectos estudados
Desenvolvimento infantil (cognitivo, lingüístico e sócio-emocional)
Características da criança (Ex.: temperamento, obediência)
Características da mãe (Ex.: ansiedade, estresse, depressão, uso de drogas)
Apego
Nascimento pré-termo
Outros
Total

Corter, 1997) enfoques orientados para a compreensão (Ex.: Kochanska, 1998), aquelas observadas neste processo de desenvolvimento cultural (Ex.: Richman, Miller, 1992) que investigam a responsividade e desordens de desenvolvimento e desordens de comportamento (Ex.: ananias de risco, procurando desordens de desenvolvimento) (Ex.: Wakschlag & Han, 1992).

A teoria do apego tem sido utilizada em estudos sobre responsividade, com ênfase no contexto (1992). Neste levantamento, não foram encontradas pesquisas na área com alguma abordagem possível identificar que 12,59% dos artigos envolviam seres humanos relacionados ao contexto da teoria do apego.

Os estudos sobre interação e apego, tratam do conceito de responsividade de comportamento específicos e do conceito de responsividade ou sensibilidade à teoria do apego justamente no ponto de vista da base para a formação do apego e do estabelecimento do senso de segurança, segundo Bee (1996) e Bretherton (1990) depende da aceitação do bebê e da responsividade contingente dos pais. A responsividade - ou sensibilidade - do adulto de cuidar do

descrita através do sistema de categorias de Ainsworth (1989) em apego seguro, apego inseguro evitante e apego inseguro ambivalente, considerando os padrões típicos de apego. Caso sejam levados em conta os casos atípicos de apego, esta classificação incluiria ainda os padrões: desorganizado/desorientado, evitante/ambivalente e instável-evitante, (ver Barnett & Vondra, 1999; Solomon & George, 1999; Waters & Valenzuela, 1999 sobre padrões de apego atípicos). A inclusão destes diferentes padrões acompanha a discussão da própria autora que destaca a existência de inúmeros padrões de apego inseguro (Ainsworth & Marvin, 1995).

Ainda que uma parte dos trabalhos identificados tenha relação com a teoria do apego, uma análise do levantamento bibliográfico permite afirmar que os trabalhos na área mostram enfoques diferenciados e que grande parte deles não mostra vinculação com teorias, sendo seus dados interpretados de forma desarticulada de qualquer referencial teórico.

Talvez por haver ainda uma falta de compreensão mais ampla acerca do conceito de responsividade, não se encontra uma definição consensual desse conceito. No entanto, do conjunto de definições de responsividade encontradas na literatura, alguns aspectos podem ser destacados. Bornstein e Tamis-LeMonda (1997) definem responsividade como comportamentos maternos contingentes, apropriados e imediatamente relacionados aos comportamentos das crianças. Bretherton (1992) trata de como as mães respondem apropriadamente, sensitivamente e prontamente aos sinais da criança. De forma similar, para Owens, Shaw e Vondra (1998) a responsividade é definida em termos de quão apropriados e contingentes aos comportamentos da criança são os comportamentos da mãe. Observa-se que nos três exemplos os autores (Bornstein & Tamis-LeMonda, 1997; Bretherton, 1992; Owens & cols., 1998) tratam da responsividade como comportamento materno que é *apropriado* e *contingente* (ou *imediatamente relacionado*) ao comportamento infantil. A definição de Burchinal, Follmer e Bryant (1996) é mais ampla e inclui a aceitação, o

darem responsividade e choro, definem a responsividade levando em conta a prontidão do comportamento da criança à reação de choro da criança.

Do ponto de vista do comportamento parental, diversas definições de responsividade envolvem, entre outras, te, duas dimensões, uma mais qualitativa e outra mais quantitativa. Na dimensão qualitativa são incluídas características como calor, proximidade, intimidade, em geral. Quanto à dimensão temporal, é considerada a rapidez da resposta.

Keller, Lohaus, Volker, Cappenberg, e cols. (1999) advertem que apesar de diferentes definições de responsividade serem ressaltadas, em essência as dimensões citadas acima, tem prevalecido a definição de responsividade como uma organização do comportamento parental. Estes autores afirmam que uma das questões que ainda está em aberto é a relação temporal e a dimensão afetiva (Ebersole & cols., 1999), esses componentes são relacionados ou independentes, já que não encontraram associações entre índices de contingência materna e sensibilidade materna. A capacidade de detectar contingências no comportamento da criança parece depender de aspectos afetivos e a detecção pode ocorrer com níveis diferentes de intensidade de afeto ou mesmo sem este aspecto.

Outro aspecto relevante destacado por Bornstein e cols. (1999) é o de que esta provém da interação entre diferentes componentes do comportamento parental (neste caso, da responsividade materna). Uma melhor compreensão das variações individuais das diferenças interindividuais e de manifestações do comportamento parental consideradas disfuncionais.

Outra questão central que vem sendo discutida é a abrangência do conceito de responsividade. O conceito se refere exclusivamente à característica do comportamento materno em resposta ao comportamento infantil, ou se refere também ao comportamento paterno em resposta ao comportamento materno.

relacionamento que transcendem as ações específicas, tal como o nível de gratificação do relacionamento). Esta afirmação deriva do que Martin (1989) chama de questão da contingência mútua, ou seja, não é possível avaliar as ações de uma pessoa de forma significativa em um sistema interpessoal sem que essas ações sejam vistas como respostas às ações prévias do parceiro ou como antecipações das respostas futuras dos parceiros.

De certa forma, ao discutir os estudos microanalíticos sobre a responsividade, Martin (1989) toca na questão da natureza interpessoal do conceito, na medida em que a sua avaliação é feita tendo como base a ação do outro. Pode-se dizer que os estudos sobre responsividade materna (ainda que recebam o nome *materna*) tratam, na verdade, de uma responsividade interpessoal, já que este conceito é analisado em termos da relação entre comportamentos dos dois sujeitos em interação (Martin, 1989). De fato, os estudos sobre responsividade têm focalizado em que medida as ações de uma pessoa durante a interação dependem das ações da outra pessoa, e se mostram apropriadas em conteúdo, *timing* e intensidade. As variáveis destas duas pessoas mostram a natureza contingente da responsividade. Assim, embora uma pessoa (Ex.: a mãe) possa ser julgada responsiva neste tipo de análise, o conceito de responsividade se refere à esfera interpessoal, ou seja, à interface das ações dos parceiros na situação interacional, que se dá situada em um determinado contexto cultural.

Seifer e Schiler (1995), utilizando o termo *sensitividade* com uma definição praticamente idêntica à definição de responsividade descrita anteriormente, destacam que a sensitividade é um conceito amplo e multidimensional na medida em que está relacionado a diferentes componentes, tais como o temperamento da criança e as diferenças individuais dos pais. A questão ressaltada por estes autores é a de que este conceito nem sempre tem sido tratado desta forma por pesquisadores da área. Estes autores partem do referencial teórico específico da teoria do apego e destacam, assim como Martin (1989), que este conceito

ção com características individuais, como a personalidade, o estresse, a depressão e uso

### Níveis de Análise

Diretamente relacionada à responsividade, está a questão do conceito de responsividade que, segundo Martin (1989), pode variar em nível molecular. O nível de análise molecular se estabelece em seqüências específicas de interação interpessoal, nas quais as ações são examinadas em uma seqüência específica (pelo menos em parte) das ações. Este enfoque segue o de diversos estudos sobre interação adulto-bebê (Ainsworth, 1979; Belsky, Gilstrap & Rovine, 1984).

Já as variáveis de relacionamento são analisadas em um nível de análise molar, não apenas quando investigadas em seqüências específicas, segundo Martin (1989) elas se referem ao relacionamento que transcende as ações específicas. Conceitos como o contexto da interação interpessoal, respeito à organização da interação são analisados neste nível. Para exemplificar o nível molar, vejamos:

Essa discussão deixa claro que a responsividade pode ser analisada tanto no nível molar como no nível molecular. O comportamento específico e não apenas a tendência é analisada na tentativa de se verificar a influência da responsividade no desenvolvimento da criança. A responsividade é tratada como uma dimensão que pode ser considerada em uma matriz de análise. Uma discussão mais ampla sobre a responsividade e suas influências que influenciam o desenvolvimento da criança.

Essas considerações se baseiam na constatação, a partir do levantamento bibliográfico, de que um outro aspecto da responsividade é o que preocupa de pesquisadores interessados no

e Tamis-LeMonda (1989), um cuidador responsivo pode promover uma autoregulação da criança, o que pode trazer para ela sentimentos de controle e autoeficácia, contribuindo para a competência e desempenho posterior da criança. A responsividade do cuidador pode ainda fortalecer a motivação da criança para adquirir informação ou para persistir e, possivelmente, resolver problemas com sucesso. Keller e colaboradores (1999) destacam como a experiência de contingência permite que a criança desenvolva expectativas que favorecem a autopercepção como um agente causal.

Como foi apontado inicialmente, deve-se ressaltar a relação comumente investigada entre responsividade materna e diferentes aspectos do desenvolvimento infantil conduzidas por diversos autores (Ex.: Bornstein & Tamis-LeMonda, 1989; Bornstein & Tamis-LeMonda, 1997; Tamis-LeMonda, Bornstein, Baumwell & Damast, 1996).

Neste aspecto, pelo menos duas questões devem merecer destaque. A primeira delas é se a responsividade materna (avaliada de modo geral) teria implicações sobre o desenvolvimento da criança de modo global ou sobre domínios específicos. Bornstein e Tamis-LeMonda (1997) apontam que um alto nível de responsividade materna de modo global possivelmente não prediz altas habilidades das crianças em todas as áreas. Parecem existir relações, entretanto, entre tipos de responsividade (Ex.: responsividade em relação a comportamentos com estresse ou responsividade em relação a comportamentos sem estresse) e competências específicas da criança (Ex.: atenção, brincadeira).

Outra questão é a de se a responsividade materna tem implicações sobre o desenvolvimento da criança direta ou indiretamente. Uma concepção da relação direta seria, segundo Bornstein e Tamis-LeMonda (1997), baseada na idéia de que a resposta contingente da mãe traz para a criança um sentido de que seu comportamento leva a modificações no ambiente, o que levaria a um melhor controle e interação com o ambiente. A concepção da relação indireta seria baseada na hipótese da segurança, defendida por Bowlby (1982), segundo a qual a responsividade

multidimensional, e para hipotetizar algumas relações com o desenvolvimento infantil, tal como uma articulação com a abordagem sociocultural, tentar vincular a compreensão da responsividade a uma perspectiva teórica centrada no estudo do desenvolvimento enquanto um processo em que as relações são consideradas como fator constitutivo (Chavajay, 1995; Wertsch, Del Rio & Alvarez, 1999).

Pelo próprio fato desta abordagem ser baseada em uma teoria, mas em um conjunto de teorias de diferentes autores, conceitos e modelos, estes tratados podem ser relevantes para a compreensão. Nesse sentido, podem ser citados o modelo ecológico de Bronfenbrenner (1998), a noção de desenvolvimento de Harkness e Super (1999), as etnoteorias parentais (Harkness & Super, 1999), as práticas nativas de sucesso (Ogbu, 1981), entre outras. Em geral, todos estes autores têm tentado estabelecer ligações entre o contexto ecológico, o desenvolvimento e comportamento humano.

O modelo ecológico (Bronfenbrenner, 1998) é utilizado para estudar o desenvolvimento humano de modo integrado a diferentes esferas do ambiente. Ele assinala Collins, Maccoby, Steinberg e Furman (1994) as famílias são vistas como influência direta sobre as crianças, mas o efeito delas pode ser explicado à luz da influência simultânea das esferas sociais. As influências ocorrem dentro de contextos mais amplos, como a cultura, a história, a economia, a política, a religião, a família, a comunidade, o contexto cultural, época histórica, etc., que moderam o efeito da família. A perspectiva não somente enfatiza o potencial significativo das relações extra familiares sobre o desenvolvimento da criança, mas também e mais importante, reforça a importância das ligações entre a família e outras influências.

O conceito de *niche de desenvolvimento* (Harkness e Super (1994), relaciona a criação da criança como um sistema interativo. Esse sistema é composto por subsistemas: o ambiente físico e social em que a criança vive.

Como assinalam Bronfenbrenner (1998) e Harkness e Super (1994) as crianças se desenvolvem participando simultaneamente de diferentes sistemas. Supõe-se que mudanças e/ou características destes sistemas (Ex.: a família) estão relacionadas com as práticas parentais. Em contraste com esses pressupostos, o levantamento realizado mostrou que apenas 6,29% das publicações sobre sujeitos humanos investigam variáveis como suporte social, estrutura familiar, nível educacional e variações culturais relacionando-as à responsividade materna. Com base no argumento de que as investigações sobre comportamento parental e desenvolvimento infantil devem levar em conta não só as pessoas envolvidas, mas a organização do ambiente, do contexto na qual elas estão inseridas, a necessidade de considerar estas variáveis parece evidente.

Burchinal e colaboradores (1996), por exemplo, procuram investigar o contexto de desenvolvimento avaliando a relação entre suporte social e responsividade. Define-se como suporte social tanto a ajuda direta recebida por parte de outro adulto (Ex.: cuidado da criança) quanto a ajuda indireta (Ex.: informação ou modelo no exercício da prática parental). Estas autoras consideram que o suporte social pode ter uma relação com os estilos de *parenting*, inclusive com a responsividade materna, por, pelo menos, duas razões. Uma delas é que os membros que fornecem suporte podem atuar no sentido de encorajar ou estimular os pais no exercício de seu papel e a outra é que o suporte social pode reduzir o stress dos pais e, consequentemente, o impacto do stress sobre as formas de cuidado e interação com as crianças.

Além dos autores citados e suas abordagens que se enquadram na perspectiva mais ampla que Rogoff e Chavajay (1995) denominam de sociocultural, a psicologia transcultural, como assinalam Dasen e Mishra (2000), tem também procurado entender culturas como diferentes contextos para o desenvolvimento e discutir os comportamentos e práticas como adaptativos a estes diferentes contextos. Esses autores propõem a integração de duas tendências:

Weisz, Pott, Miyake & Morelli, Ijzendoorn & Sagi, 2001).

Diversos autores têm publicado sobre as variações culturais relacionadas à responsividade materna. Por exemplo, Bornstein e colaboradores (1992) investigaram variações entre mães na Alemanha, França, Japão, no que se refere a responsividade materna. Tal e Baras (1995) têm realizado pesquisas em diferentes países, como: França, Itália, Israel. Leyendecker, Lamb, et al. (1992) têm realizado investigações na Alemanha. Bornstein e colaboradores (1992) têm investigado variações transculturais entre países de culturas Africanas.

Segundo Bornstein e Lamb (1992), muitos dos trabalhos que investigam diferenças culturais no conhecimento sobre desenvolvimento infantil e a criança deriva de estudos realizados com crianças e famílias de classe média. Como aponta M. H. Bornstein (comunicação pessoal, 2000), 95% das crianças dos estudos citados na literatura sobre desenvolvimento infantil.

Os trabalhos identificados com base nos bancos de dados nacionais foram limitados. Outro levantamento realizado no PsycLit, mostrou que, entre 1974 e 1996 (indexado), menos de 5% focalizavam o desenvolvimento (de 0 a 3 anos) e nenhum deles abordava a responsividade materna (S. Ribas, 2000).

## Considerações

O tema responsividade materna tem sido objeto de pesquisa de pesquisadores, com ênfase em estudos e com abordagens diversificadas.



na como uma característica das interações adulto-criança que tem origens e influências múltiplas e que precisa ser investigada levando-se em conta um sistema amplo de referência e variáveis associadas.

Parece razoável afirmar que a integração do estudo da responsividade materna à abordagem sociocultural é possível, necessária e se mostra como um desafio para os pesquisadores na área. As pesquisas sobre este tema ainda carecem de considerar aspectos como suporte social, estrutura familiar, nível educacional e variações culturais. A investigação sobre responsividade ganha sentido quando integrada à compreensão de outros componentes do sistema, tais como as práticas da cultura, as etnoteorias que guiam o comportamento dos pais enquanto eles cuidam de seus filhos, etc. Assim, considerar o ambiente social no qual a família está inserida, ou seja, compreender os diferentes nichos de desenvolvimento que envolvem a criação das crianças pode trazer elementos significativos para a discussão.

Pode-se apontar, ainda, para a necessidade da realização de pesquisas brasileiras sobre o tema, uma vez que parece que ele não vem sendo significativamente explorado no âmbito da pesquisa nacional. Neste sentido, a realização de pesquisas brasileiras pode ser útil e produtiva, revelando informações sobre amostras da população brasileira relevantes para estudos subseqüentes na área e, ao mesmo tempo, gerando dados passíveis de serem discutidos comparativa e criticamente em relação aos estudos internacionais.

## Referências

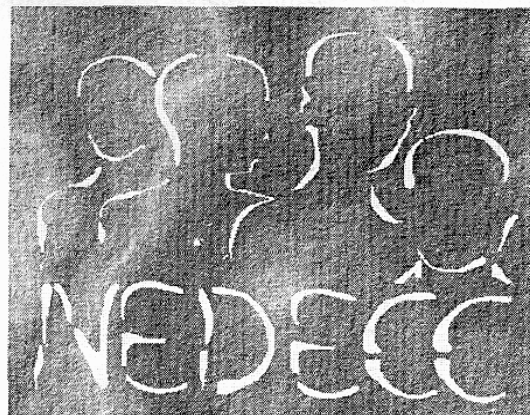
- Ainsworth, M. D. S. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, 44, 709-716.
- Ainsworth, M. D. S. & Marvin, R. S. (1995). On the shaping of attachment theory and research: An interview with Mary D. S. Ainsworth (Fall 1994). *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 60(2, 3, Serial No. 244).
- Als, H., Tronick, E. & Brazelton, T. B. (1979). Analysis of face-to-face interaction in infant-adult dyads. Em M. E. Lamb, S. J. Suomi & G. R. Stephenson (Orgs.), *Social interaction analysis: Methodological issues* (pp. 1-24). New York: Academic Press.
- Bornstein, M. H. & Lamb, M. E. (1992). *Developmental psychology: Infancy to childhood*. New York: McGraw-Hill.
- Bornstein, M. H., Maital, S. L., Tal, J. & Baras, R. (1995). Attachment activity and interaction in Israel and the United States: A longitudinal study. *International Journal of Behavioral Development*, 19, 1-15.
- Bornstein, M. H. & Tamis-LeMonda, C. S. (1989). Maternal responsiveness and cognitive development in children. Em M. H. Bornstein (Org.), *Maternal responsiveness: Characteristics and consequences* (pp. 1-15). San Francisco: Jossey-Bass.
- Bornstein, M. H. & Tamis-LeMonda, C. S. (1997). Maternal responsiveness and infant mental abilities: Specific predictive relationships. *Infant and Development*, 20, 283-296.
- Bornstein, M. H., Tamis-LeMonda, C. S., Tal, J., L. & Baras, R. (1995). Maternal responsiveness to infants in three societies: The United States, Israel, and Japan. *Child Development*, 63, 808-821.
- Bretherton, I. (1992). The origins of attachment theory. Em M. H. Bornstein & Mary Ainsworth. *Developmental Psychology*, 28, 75-90.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: Nichos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Burchinal, M., Follmer, A. & Bryant, D. (1996). The role of maternal social support and family structure with maternal mental health and child outcomes among African American women. *Psychology*, 32, 1073-1083.
- Chao, R. (2001). Integrating culture and attachment theory. *Infant and Development*, 56, 822-823.
- Collins, W. A., Maccoby, E. E., Steinberg, L. & Bornstein, M. H. (2000). Contemporary research on parenting. *American Psychologist*, 55, 232-247.
- Dasen, P. R. & Mishra, R. C. (2000). Cross-cultural differences in child development in the third millennium. *International Journal of Behavioral Development*, 24, 429-434.
- Fleming, A. S. (1989). Maternal responsiveness and child development. Em M. H. Bornstein (Org.), *Maternal responsiveness and consequences* (pp. 31-48). San Francisco: Jossey-Bass.
- Fleming, A., Steiner, M. & Corter, C. (1997). Cortisol levels and maternal responsiveness in human mothers. *Hormones and Behavior*, 31, 98-108.
- Gjerde, P. F. (2001). Attachment, culture, and American parenting. *Infant and Development*, 56, 826-827.
- Harkness, S. & Super, C. M. (1992). Parental ethnotheories. Em E. Sigel, A. V. McGillicuddy-DeLisi & J. J. Goodnow (Orgs.), *Belief systems: The psychological consequences for children* (pp. 1-24). Lawrence Erlbaum.
- Harkness, S. & Super, C. M. (1994). Developmental psychology: A framework for analyzing the household production. *Science and Medicine*, 38, 219-226.
- Hubbard, F. Q. & Van-Ijzendoorn, M. H. (1991). Maternal responsiveness and infant crying across the first 9 months: A longitudinal study. *Infant Behavior and Development*, 14, 299-314.

- Ogbu, J. (1981). Origins of human competence: A cultural-ecological perspective. *Child Development*, 52, 413-429.
- Owens, E. B., Shaw, D. S. & Vondra, J. I. (1998). Relations between infant irritability and maternal responsiveness in low-income families. *Infant-Behavior-and-Development*, 21, 761-777.
- Posada, G. & Jacobs, A. (2001). Child-mother attachment relationships and culture. *American Psychologist*, 56, 821-822.
- Richman, A. L., Miller, P. M. & LeVine, R. A. (1992). Cultural and educational variations in maternal responsiveness. *Developmental Psychology*, 28, 614-621.
- Rogoff, B. & Chavajay, P. (1995). What's become of research on the cultural basis of cognitive development. *American Psychologist*, 50, 859-877.
- Rosenblatt, J.S. (1989) The physiological and evolutionary background of maternal responsiveness. Em: M. H. Bornstein (Org.), *Maternal responsiveness: Characteristics and consequences* (pp. 15-30). San Francisco: Jossey-Bass.
- Rothbaum, F., Weisz, J., Pott, M., Miyake, K. & Morelli, G. (2000). Attachment and culture: Secutiry in the United States and Japan. *American Psychologist*, 55, 1093-1104.
- Rothbaum, F., Weisz, J., Pott, M., Miyake, K. & Morelli, G. (2001). Deeper into attachment and culture. *American Psychologist*, 56, 827-828.
- Sagi, A. (2001). Cultural blindness or selective inattention? *American Psychologist*, 56, 824-825.
- Seidl Moura, M. L., Ribas, R. C. Jr & Ribas, A. F. P. (2000). Brazilian Psychological Research on Infant Development (1974-1996). Em XVI Biennial Meetings of ISSBD [Resumos]. Beijung, 1, 142.
- Seifer, R. & Schiler, M. (1995). The role of parenting sensitivity, infant temperament, and dyadic interaction in attachment theory and assessment. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 60 (2, 3, Serial No. 244).
- Solomon, J. & George, C. (1999). The ph theory: Linking classic observati Em: J. Solomon & C. George (Orgs.), (pp. 33). New York: Guilford Press.
- Tamis-LeMonda, C., S., Bornstein, M., Responsive parenting in the sec children's language and play. *Early*, 183.
- Van Ijzendoorn, M & Sagi, A. (2001). tention? *American Psychologist*, 56, 82.
- Wakschlag, L. S. & Hans, S. L. (1999). I during infancy to the developme risk youths. *Developmental-Psychology*, 35, 101-110.
- Waters, E. & Valenzuela, M. (1999). E Clues from research on mild-to-m in Chile. Em J. Solomon & C. Geo (pp. 265-290). New York: Guilford Press.
- Wertsch, J.V., Del Rio, P. & Alvarez, J. (2000). História, ação e mediação. Em J. V (Orgs.), *Estudos socioculturais da men* Médicas.

Sobre os autores

**Adriana F. Paes Ribas** é Psicóloga, Professora da Universidade Estácio de Sá, Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Sub-coordenadora do Projeto de Pesquisa: Interação mãe-bebê e desenvolvimento infantil: Um estudo longitudinal e transcultural, desenvolvido na UERJ.

**Maria Lucia Seidl de Moura** é Psicóloga, Doutora em Psicologia Cognitiva pela Fundação Getúlio



**NÚCLEO DE  
ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO  
COMUNITÁRIO E CIDADANIA**

*A proposta do NEDECC é propiciar espaço para produção de conhecimentos na área de desenvolvimento social comunitário e cidadania, integrando ações à prática.*

**Endereço**

**NEDECC/CPE-RUA/UFRGS**